

## A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO NA COMUNICAÇÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE SISTEMA ÊMICO, RELATIVISMO CULTURAL E ABORDAGEM ETNOGRÁFICA EM SITUAÇÃO EXPERIMENTAL

Antonio Roazzi

UFPR

Um aspecto nem sempre considerado devidamente na prática experimental concerne à transmissão do significado na comunicação entre experimentador e sujeito estudado.

Muitos conceitos simplistas de significado e comunicação (como por exemplo, se há comunicação quando a utilização da palavra evoca a lembrança de determinados significados em quem ouve) não podem explicar exhaustivamente o fenômeno. Uma palavra possui muitas vezes tantas conotações que a sua utilização não comunica significado algum, particular ou específico.

Neste sentido, o componente contexto desempenha um papel relevante, pois é em um contexto dado que uma certa palavra ou frase comunica um tipo de conotação enquanto alguns momentos depois a mesma palavra pode comportar um conjunto muito diferente de sugestões ou alusões. Na realidade, muitas vezes uma afirmação, uma pergunta comportam implicações muito diferentes ou opostas a respeito do que é dito com as palavras.

Prestar atenção só às formas verbais ou no máximo só ao "falar" é muito enganador. Mais importante do que procurar o significado nas formas verbais, é prestar atenção à relação entre forma e contexto.

Conseqüentemente, emerge gradualmente o quadro de um sistema de múltiplos fatores na comunicação que ingenuamente as pessoas utilizam como código ou meio para comunicar significados. Este sistema considera não só a linguagem mas também (BATESON, 1955) a metacomunicação (gestos, movimentos do rosto, distância interpessoa, contatos, etc.) e o contexto.

O significado de uma expressão verbal ou outro comportamento é especificado, modificado ou mudado a níveis sempre mais amplos do contexto no âmbito de uma situação, de uma instituição e cultura particular.

Focalizar só o significado, também, é muito limitado, porque, como vemos, a linguagem, o comportamento comunicativo e o contexto desempenham um papel muito mais amplo nas relações humanas do que a troca de significados e informações. De fato, a maioria do comportamento não lingüístico não possui nenhuma relação com o falar. Assim, a comunicação numa situação experimental, não pode ser reduzida às simples palavras e ações dos sujeitos. Em lugar de se concentrar só nas pessoas que comunicam, tem-se que prestar também atenção ao contexto.

#### DEFINIÇÃO TERMINOLÓGICA DE CONTEXTO E SUA RELEVÂNCIA NAS SITUAÇÕES DE TESTE

Existe uma indefinição muito grande sobre o que se entende por contexto. Assim, necessita-se de um esclarecimento terminológico, para não gerar confusões.

Por contexto entende-se o quadro de referências que o sujeito dá, a forma como ele pessoalmente organiza, interpreta a experiência, ou seja, é o significado social do evento. Como afirma GOFFMAN (1974), os indivíduos continuamente e de forma ativa projetam os próprios quadros de referências no mundo que está imediatamente em volta deles. Neste sentido situação possui um significado mais restrito do que contexto.

Isto significa que não se podem representar os contextos independentemente das pessoas que os percebem ou dos objetivos que as mesmas possuem. Uma mesma situação de teste para duas pessoas pode não ser sempre idêntica: só para um terceiro observador poderia parecer a mesma. Para dois sujeitos a identidade de percepção de uma mesma situação, depende de uma identidade nos quadros de referências possuídos, ou seja, do tipo de contexto vivenciado.

Então, o que torna importante uma situação de teste, é a maneira como é interpretada em termos dos atuais objetivos pessoais do sujeito. Isto depende não só dos processos cognitivos que ele

pode utilizar, mas de todo o seu sistema de construtos pessoais, ou seja, de todas as suas preferências contextuais.

Vamos imaginar, por exemplo, esta situação: uma criança pobre de 8 anos vendendo pipoca e amendoim na praia em um ensolarado dia de domingo. Esta situação de venda, da clientela na praia, do ponto de vista da criança, e assim por diante. Agora vamos supor que nesta mesma situação esteja uma rica dama da alta sociedade. Ela encararia a situação de outra maneira, focalizando certos aspectos e não outros. Não se importaria tanto com os amendoins vendidos, mas com o medo de encontrar alguém que a reconheça. Agora, se esta rica senhora fosse uma atriz famosa filmando uma cena de um filme, no qual desempenha o papel de uma vendedora de amendoim e pipoca, a situação seria encarada de uma maneira completamente diferente. Assim, embora a situação se apresente como a mesma nos vários casos descritos, ela será vivenciada por cada sujeito de maneiras diversas. Conseqüentemente, os processos cognitivos não podem ser representados independentemente dos contextos onde estão inseridos ou da finalidade à qual eles estão direcionados, e das pessoas que os percebem ou se objetivam neles. Isto tem implicações diretas na prática de pesquisa.

De fato, partindo do pressuposto que os fatores contextuais são elementos importantes no nível de desenvolvimento e que diferentes grupos culturais provavelmente responderão de maneira diferente em diferentes contextos, torna-se necessário para a pesquisa experimental considerar a variável contexto no seu planejamento metodológico. Uma análise da significação ecológica dos estímulos antes da coleta de dados torna uma exigência das pesquisas que investiguem diferenças entre classes sociais e grupos étnicos, e também de qualquer pesquisa onde os grupos comparados são considerados diferentes quanto ao processo estudado.

De qualquer maneira, até agora, a partir dos nossos conhecimentos a respeito da sociedade, é muito difícil ter uma informação, a não ser de uma forma muito superficial, da natureza dos contextos que permitam o controle e a utilização, seja dos recursos de uma cultura por um dos seus membros, seja das habilidades cognitivas que são necessárias para alguém que queira utilizar estes recursos. Por este motivo, torna-se necessário para o pesquisador ter um cuidado especial na construção de um sistema de referên-

cias gerais onde se encontrem incluídos tanto o seu pensamento quanto aquele do sujeito.

## A RELAÇÃO CÓDIGO-CONTEXTO NA COMUNICAÇÃO

Esta importância do contexto é ressaltada também pela semiologia no seu estudo da relação código-contexto na comunicação. Como afirma o famoso semiólogo italiano UMBERTO ECO (1976), entre diversos grupos sociais e culturais são utilizados diferentes tipos de códigos. Em toda a história da cultura, a experiência da sociologia e da teoria da comunicação nos indicam que um remetente e um destinatário não comunicam e recebem sempre com base no mesmo código, especialmente se pertencem a culturas de origens diferentes. Um código denotativo pode mudar de modo radical, dando origem a mensagens polissêmicas.

Para melhor entender esta afirmação, segundo ECO (1976), é importante distinguir entre a mensagem como forma significante e a mensagem como sistema de significados. A mensagem como forma significante corresponde à configuração gráfica, acústica ou comportamental da comunicação, que pode subsistir, mesmo se não for recebida, ou se for recebida por alguém que desconheça o tipo de código utilizado. Ao contrário, a mensagem como sistema de significados corresponde à forma significante que o destinatário, baseado em códigos determinados, preenche de sentido.

Desta forma, os significantes adquirem significados apropriados só pelo interagir contextual. À luz do contexto, eles continuamente se revivificam através de clarezas e ambigüidades sucessivas, remetem a determinados significados, mas tão logo feito isso, surgem ainda mais repletos de outras escolhas possíveis. Uma eventual alteração no contexto mudará também o quadro restante.

O contexto se torna, então, um dos elementos que esclarecem a polissemia, fornecendo as chaves para a interpretação do evento. É este contexto em uma determinada circunstância de comunicação, que permite compreender a qual código o remetente está se referindo. Se apresenta como uma espécie de referente da mensagem que se desenvolve na situação concreta que contribui para dar-lhe significado. Por exemplo, na utilização de um termo, frase ou comportamento, não importa o significado atribuindo-lhe

oficialmente, mas o significado que o grupo social em que o sujeito vive lhe atribui, e as conotações pessoais, derivadas da sua experiência passada que ele mesmo lhe confere. Assim, a presença do referente induz a identificar o significado conotativo mais apto, da mesma forma que, a realidade orienta para os códigos mais adequados.

Assim, o contexto está portanto relacionado com a realidade à qual por experiência o sujeito foi habituado a aliar o emprego de certos significados em lugar de outros. Isto nos introduz o problema do relativismo cultural.

## O RELATIVISMO CULTURAL: ÊMICO X ÉTICO

Os interesses, os comportamentos representativos, a maneira de pensar e agir de um indivíduo não são universais porquanto concerne a forma e o significado. Muito pelo contrário, são culturalmente específicos. Cada cultura, cada tradição possui um repertório característico próprio destas suas particularidades culturais específicas. O termo "êmico" é utilizado para descrever o sistema de formas e objetos de referência que são utilizados em uma dada tradição cultural. Esta palavra foi cunhada por PIKE (1954, 1957, 1966) e em seguida elaborada por FRENCH (1963).

A partir da distinção na lingüística entre fonêmico e fonético, PIKE criou os termos "êmico" e "ético". O estudo da fonêmica envolve o exame dos sons utilizados em uma língua particular, enquanto a fonética visa a generalização a partir dos estudos fonêmicos em línguas específicas procurando elaborar uma ciência universal que englobe todas as línguas.

Por analogia, êmico se refere só a uma sociedade particular, enquanto ético concerne aspectos universais (ou *culture-free*) do mundo. (Se não completamente universais, pelo menos operantes em mais de uma sociedade.)

Em uma perspectiva êmica a escolha das palavras, os gestos, as qualidades paralingüísticas e os quadros de referências variam segundo a cultura e a subcultura. Variações específicas na forma comportamental se realizam também a níveis superiores de integração comportamental. Além disso, os objetos, os eventos ecológicos e as experiências das pessoas de um dado grupo social diferem de outro grupo. As variações de formas não constituem ge-

ralmente eventos isolados. Se realizam em conjuntos em uma determinada pessoa. Se um indivíduo utiliza um gênero lexical, um tipo de sotaque, roupas ou jeitos de relações específicos, pode-se prever que tal pessoa conhece e utilizará todos os outros modelos que integram o seu sistema êmico ou subêmico; além do mais, pode-se identificar as suas origens e prever o sistema de significados que utiliza. As formas de comportamento que uma pessoa ou um grupo de pessoas utiliza designam uma referência ou um significado específico e o tipo de formas utilizadas identifica um sistema de significados êmicos.

As formas de um sistema êmico são apreendidas pelos membros de uma sociedade. Durante o processo de maturação os indivíduos têm oportunidade de observar estas disposições hierárquicas sob forma sólida e típica; além do mais recolhem estes comportamentos e são informados pelas representações aos poucos que elas aparecem.

Um indivíduo pode experienciar os objetos de referência contextual e aprender o sistema comportamental utilizado para representá-los. Ele mesmo continua depois a executar as atividades tradicionais de forma que os seus filhos tenham a oportunidade de apreendê-las. Desta maneira as formas usuais de um sistema êmico são transmitidas de geração para geração.

Uma vez que os indivíduos estão impregnados de uma dada cultura são capazes de repetir comportamentos da hierarquia representativa e significados específicos de um sistema êmico. Isto pode ser feito quando agem no âmbito de um contexto particular, invisível e executam os comportamentos que tradicionalmente representam aquele contexto. A não consideração deste sistema êmico, na prática experimental, pode causar muitas incompreensões e erros de avaliação. Necessita-se, assim, que sejam bem refletidas as implicações da utilização de uma perspectiva êmica no tipo de metodologia a ser adotada.

### SISTEMA ÊMICO, CULTURA E IMPLICAÇÕES METODOLÓGICAS EM SITUAÇÃO EXPERIMENTAL

Como já vimos, um sistema êmico faz parte da herança cultural de uma sociedade. Os membros aprendem o mesmo sistema

êmico de formas e significados. Quando se reúnem para comunicar um significado utilizam o mesmo sistema de formas representativas usuais e de tal forma que se referem a um conjunto de significados culturalmente tradicional e específico.

Na prática de pesquisa, assim, uma abordagem êmica possui características próprias diferenciáveis de uma abordagem ética. Elas podem ser resumidas, segundo BARRY e DASEN (1974), desta forma:

ABORDAGEM ÊMICA	ABORDAGEM ÉTICA
- Estuda o comportamento de dentro do sistema	- Estuda o comportamento de uma posição externa ao sistema
- Examina só uma cultura	- Examina muitas culturas, comparando-as
- Estruturas descobertas pelo analista	- Estruturas criadas pelo analista
- Critérios são relativos às características internas	- Critérios são considerados absolutos ou universais

Esta descrição da abordagem êmica se parece muito com a etnociência elaborada por STURTEVANT (1974), segundo a qual "o estudo de uma cultura envolve a descoberta dos princípios nativos de classificação e conceptualização e que a utilização de definições a priori e de modelos conceituais de conteúdo cultural devem ser evitados" (ROMNEY e D'ANDRADE, 1964, pág. 3). Então, um dos problemas mais importantes do ponto de vista metodológico é descobrir uma forma de descrever o comportamento de forma significativa para os membros de uma cultura específica e ao mesmo tempo comparar adequadamente o comportamento em outras culturas.

É necessário reinterpretar o mundo, replanejar as situações experimentais, sentir empaticamente os indivíduos de outra cultura para compreender outros pontos de vista diferentes e produzir descrições internas do comportamento.

"O objetivo final... é, em síntese, se absorver o ponto de vista do nativo para realizar a sua visão do mundo" (MALINOWSKI, 1922, pág. 25).

Esta condição é fundamental para qualquer metodologia, especialmente nos estudos transculturais. Os participantes de um experimento devem criar uma *gestalt* do comportamento reconhecível para agir de forma comunicativa e significativa para o sujeito. Todo este comportamento se deve desenvolver numa situação natural. Através de observações etnográficas prévias são reunidas informações integradas de comportamentos suficientemente não ambíguos, para que no planeamento metodológico o significado possa ser reconhecido sem a menor dúvida.

Partindo destas idéias podem ser especificadas algumas condições necessárias para a comunicação de significados em uma situação experimental.

Antes de tudo, o experimentador deve ter em comum ao sujeito o mesmo sistema êmico ou conhecê-lo nos seus mínimos detalhes através de observações etnográficas prolongadas. De fato, se o experimentador entra no sistema de comportamento de uma outra cultura, tendo consciência que o seu próprio ponto de entrada é provavelmente só uma reduzida aproximação para a compreensão do comportamento daquele sistema, o obstáculo maior já é removido. Paulatinamente, depois, modificando as próprias categorias externas na direção do sistema comportamental em estudo, o experimentador deve alcançar uma verdadeira descrição êmica do comportamento de dentro desta cultura; isto sem destruir ou perder todo o caráter ético das categorias de entrada.

Em segundo lugar, o experimentador deve construir uma hierarquia específica e compreensiva de comportamento comunicativo em situações as mais naturais possíveis. Com a utilização de qualquer programa usual, os indivíduos formam relações de posições recíprocas e complementares (ex. comprador e vendedor).

Em último lugar, é necessário que o experimentador construa com estes esforços, uma *gestalt* reconhecível e significativa para o sujeito estudado e procure se assegurar que os instrumentos de pesquisas (conceitos, testes, aparatos) possuam um significado parecido, ou falta de significado para todos os grupos que estão sendo comparados. Isto é possível só através de observações etnográficas prévias.

## CONCLUSÃO:

### Observação etnográfica como superação do etnocentrismo

A utilização de observações etnográficas é uma consequência direta do tipo de metodologia adotada, identificável como naturalista, que é voltada não só para os aspectos quantitativos, mas também qualitativos. Por este referencial naturalista entende-se um interesse implícito pelos fenômenos tal como ocorrem naturalmente, por comportamentos situados contextualmente, sem serem manipulados ou constrangidos por imperativos metodológicos impostos externamente.

Esta "nova" abordagem, apesar de ter encontrado a resistência de muitos pesquisadores, não apresenta, na realidade, nenhuma novidade. Os etólogos\* compreenderam desde muito tempo que o comportamento dos animais do cativeiro não é o mesmo comportamento observado no laboratório. Conseqüentemente, um estudo só de laboratório não permite um conhecimento verdadeiro do animal, necessitando-se assim de uma combinação de pesquisa de campo com estudos de laboratório.

Como afirma o etólogo BLURTON-JONES (1972), técnicas de observação e experimentação devem ser utilizadas em situações de campo e de laboratório, dado que esta é a forma mais adequada de obter dados.

Em uma pesquisa, por exemplo, observações etnográficas possibilitam a elaboração de um tipo de teste que utilize frases e categoria êmicas, perguntando-se questões culturalmente significativas e incluindo-se formas de questionamento que não poderiam ter sido imediatamente óbvias, antes destas observações. Assim, permite-se adaptar o procedimento, de acordo com o referencial contextual do sujeito que irá ser testado.

\* A etologia, definida por NIKO TIMBERGER (1951) como o estudo biológico do comportamento, identifica na noção do biótipo a unidade topográfica primária ocupada por cada espécie animal. Para os etólogos, a interação organismo-biótipo é considerada como um "sistema coesivo, unitário", dado que a separação arbitrária do organismo do seu mundo leva a alterar o contexto e a distorcer, portanto, o significado.

Do ponto de vista etnográfico, as observações anteriores à elaboração do teste são uma oportunidade para examinar o significado local e a relevância dos termos, categorias, frases, e uma chance de identificar as definições, comportamentos e papéis que o sujeito assumirá durante a situação de teste.

Em relação à abordagem etnográfica, podemos então chegar às seguintes conclusões:

1. Esta abordagem, aplicada ao estudo dos processos cognitivos, permite que as ambigüidades próprias do comportamento natural possam ser reduzidas progressivamente, por meio de experimentos que se baseiam na observação do comportamento no contexto usual para o sujeito e, por meio de comparações dos dados obtidos em diferentes contextos, através da combinação de observações e experimentos. Isto porque em uma abordagem etológica, que considere o componente contexto, julga-se os experimentos de laboratório isolados como insuficientes para inferir diferenças culturais nos processos cognitivos (especialmente quando no seu contexto natural entra em desacordo com os resultados de experimentos de laboratório).

2. Esta abordagem permite, também, superar progressivamente o etnocentrismo do experimentador, possibilitando detectar sistemas de pensamento e comportamentos distintos do modelo do pesquisador e, todavia, igualmente atuantes no âmbito de situações históricas e sociais diferentes. Todas as culturas podem se caracterizar por um certo campo de competências no interior do qual as questões são colocadas e às vezes recebem respostas (conhecimentos ou crenças). As questões que não entram neste domínio não possuem sentido. É possível que, em uma determinada cultura, certos problemas lógicos, da maneira como eles são postos, não possuam nenhum sentido; e isto não quer dizer, necessariamente, que os indivíduos deste grupo cultural estejam em um estágio de desenvolvimento atrasado.

## REFERÊNCIAS

BERRY, J. W. e DASEN, P. R. *Culture and Cognition: Readings in Cross-Cultural Psychology*. London, Methuen e Co. Ltda., 1974.

- BATESON, G. Capítulo I. Em n. McQuown (org.). *The Natural History of an Interview*. New York, Grune and Stratton, 1972.
- BLURTON-JONES, N. Characteristics of Ethological Studies of Human Behavior. Em N. Blurton-Jones (org.). *Ethological Studies of Child Behavior*. Cambridge, University Press, 1972.
- ECO, Umberto. *A estrutura ausente*. São Paulo, Perspectiva, 1976.
- FRENCH, D. The Relationship of Anthropology to Study in Perception and Cognition. Em S. Koch (org.). *Psychology (A Study of a Science)*. Vol. 6, New York, McGraw Hill, 1963.
- GOFFMAN, Erving. *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*. New York, Harper Colophon, 1974.
- MALINOWSKI, B. *Argonauts of the Western Pacific*. London, George Routledge and Sons, 1922.
- PIKE, K. L. *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. Part. I. Glendale, Summer Institute of Linguistics, 1954.
- . *Toward a Theory of the Structure of Human Behavior*. *General Systems*, 1957, 2, 135-141.
- . *Language in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior*. The Hague, Mouton, 1966.
- ROMNEY, A. K. e D'ANDRADE, R. G. Cognitive Aspects of English Kin Terms. Em *Transcultural Studies in Cognition*. *Amer. Anthropol.*, 1964, 66(3), parte 2.
- STURTEVANT, W. C. *Studies in Ethnoscience*. Em J. W. Berry e P. R. Dasen, *Culture and Cognition: Readings in Cross-Cultural Psychology*. London, Methuen e Co. Ltda., 1974.
- TINBERGEN, Niko. *The Study of Instinct*. London, Oxford University Press, 1951.